

HUMANOS HIPER-HÍBRIDOS

- *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*, Luís Mauro Sá Martino
- *A produção social da loucura*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*, Lucia Santaella
- *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*, Lucia Santaella
- *O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*, Lucia Santaella
- *A realidade dos meios de comunicação*, Niklas Luhmann
- *É preciso salvar a comunicação*, Dominique Wolton
- *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*, José Marques de Melo
- *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, Lucia Santaella
- *Comunicação e democracia: problemas & perspectivas*, Wilson Gomes; Rousiley Celi Moreira Maia
- *Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*, André Lemos; Pierre Lévy
- *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade e ubiquidade*, Lucia Santaella
- *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*, Lucia Santaella; Renata Lemos
- *O princípio da razão durante: comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo – Tomo I – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?*, Luís Mauro Sá Martino
- *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica – Tomo V – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea – Tomo II – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: o círculo cibernético: o observador e a subjetividade – Tomo III – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação – Tomo IV – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação*, Lucia Santaella
- *O rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico. Nova teoria da comunicação, vol. I*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*, Lucia Santaella
- *Teoria e metodologia da comunicação: tendências para o século XXI*, José Marques de Melo (eBook)
- *Comunicação, mediações, interações*, Lucrecia D'Alessio Ferrara (eBook)
- *Revolucionários, mártires e terroristas: a utopia e suas consequências*, Jacques A. Wainberg (eBook)
- *Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política*, Lucia Santaella
- *Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais*, Luís Mauro Sá Martino
- *Cultura, comunicação e espetáculo*, Cláudio Novaes Pinto Coelho; Valdir José de Castro (eBook)
- *Net-ativismo. Da ação social para o ato conectivo*, Massimo Di Felice
- *Redes e ecologias comunicativas indígenas*, Massimo Di Felice; Eliete S. Pereira (orgs.)
- *A comunicação que não vemos*, Lucrecia D'Alessio Ferrara
- *Comunicologia ou mediologia? A função de um campo científico da comunicação*, Ciro Marcondes Filho
- *A carta, o abismo, o beijo. Os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático*, Norval Baitello Junior
- *Mídia e lutas por reconhecimento*, Rousiley C. M. Maia
- *Cidade, entre mediações e interações*; Lucrecia D'Alessio Ferrara
- *O rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto de ângulos humano, medial tecnológico - Nova teoria da comunicação I*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Teorias da comunicação hoje*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Transformações da política na era da comunicação de massa*, Wilson Gomes (eBook)
- *Uma foto vale mais que mil palavras*, Alexandre Huady Torres Guimarães; Fred Izumi Utsunomiya; Ronaldo de Oliveira Batista (eBook)
- *Humanos hiper-híbridos linguagens e cultura na segunda era da internet*, Lucia Santaella

HUMANOS HIPER-HÍBRIDOS
Linguagens e cultura na segunda era da internet

Lucia Santaella



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: Sílvio Ribas
Coordenação de revisão: Tiago José Risi Leme
Preparação do original: Luciana Mourão Maio
Coordenação de arte: Rodrigo Moura de Oliveira
Diagramação: Karine Pereira dos Santos
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Santaella, Lucia
Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet / Lucia Santaella.
– São Paulo: Paulus, 2021. Coleção Comunicação.

Bibliografia
ISBN 978-65-5562-365-9

1. Mídia digital 2. Comunicação 3. Cibercultura 4. Linguagem e internet 5. Cultura e tecnologia I. Título II. Série

21-3783

CDD 302.23
CDU 316.774

Índice para catálogo sistemático:

1. Mídia digital



Seja um leitor preferencial PAULUS.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-365-9

Este livro é parte do projeto de produtividade em pesquisa que me é concedido pelo CNPq (projeto 304388/2020-2025).

Meus agradecimentos ao CNPq.

SUMÁRIO

Prefácio	9
----------------	---

LINGUAGENS

CAPÍTULO 1 – Destinos do livro na era pós-digital	17
CAPÍTULO 2 – Ciberespaço, cibercultura & seus desdobramentos	29
CAPÍTULO 3 – Da multimodalidade à hipermídia	39
CAPÍTULO 4 – A semiose híbrida do Whatsapp	51

CULTURA

CAPÍTULO 5 – Patrimônio cultural, memória & leitura.....	67
CAPÍTULO 6 – Espaços hiper-híbridos.....	81
CAPÍTULO 7 – Conectividade expandida.....	91
CAPÍTULO 8 – A expansão ecotécnica do humano	107

LIMIARES

CAPÍTULO 9 – A virtualização da vida em três atos	121
CAPÍTULO 10 – Nossos gêmeos algorítmicos	139
CAPÍTULO 11 – As novas acrobacias do capitalismo	155
CAPÍTULO 12 – Catástrofe & evolução.....	171

BIBLIOGRAFIA	187
--------------------	-----

PREFÁCIO

Desde o primeiro livro que publiquei, *Produção de linguagem e ideologia* ([1980] 1996a), minha preocupação já estava voltada para as repercussões da arte, literatura e filosofia no campo da cultura. Isso se acentuou nas publicações que se seguiram, em especial *Arte & cultura, Equívocos do elitismo* (1985) e *Convergências: Poesia concreta e Tropicalismo* (1986). Essa veia ganhou ainda mais força em 1987, quando tive a oportunidade de um estágio de pesquisa como professora convidada na Universidade Livre de Berlim. Vivi em Berlim na estranheza de uma cidade dividida por um muro que dava expressão viva às forças políticas da Guerra Fria. Essa estranheza repercutiu em mim pelo impacto de um ambiente que buscava, na cultura e nas artes, a compensação de todos os riscos.

As marcas que ficaram se materializaram no livro *Cultura das mídias* (1992), que já trazia, antes que as redes digitais tivessem se instalado, a percepção de que as mídias comunicacionais se complementavam, se cruzavam, se separavam e se reuniam sob a forma de redes. Na realidade, as redes digitais já estavam à espreita. E, na segunda edição aumentada de *Cultura das mídias*, em 1996b, dei início àquilo que viria a ser, daí para frente, meu acompanhamento *pari passu* do ritmo veloz de transformações do universo digital nos livros, e passei a escrever sobre o tema.

Em 1996, a internet já dava os primeiros passos de sua jornada na cultura brasileira. A questão me atraiu com a força de um ímã que continua a agir até hoje. Os títulos dos livros que publiquei na coleção Comunicação, da Editora Paulus, funcionam como indicadores dos grandes temas que foram surgindo, o primeiro deles foi *Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura* (2003). O título não foi casual. Estávamos já assistindo à primeira grande virada do hibridismo humano, *sub specie* do ciborgue, figura metamórfica do corpo tecnologicizado a que preferi dar o nome de corpo biotecnológico, no contexto do debate e dos processos estéticos voltados para o pensamento crítico sobre o pós-humano. Infelizmente, aquilo que o conceito de pós-humano tem de melhor, a constatação de que as interfaces e hibridizações humano-tecnologias nos obrigam a repensar a ontologia do humano em suas múltiplas determinações, até hoje comparece confundido com o imbróglio das tecnofantasias do transumanismo. Em Felinto e Santaella (2012, p. 35-44), procuramos desatar os nós desse imbróglio, mas, como sempre, o sensacionalismo mal informado acaba falando mais alto do que a busca de compreensão lúcida dos fatos.

Em tal contexto, não foi por acaso que, sob a dianteira das artes, as interrogações sobre o corpo vieram à tona, funcionando como uma espécie de nó górdio da cultura a que preferi tratar como sintoma da cultura (SANTAELLA, 2004c). Na época, a par de enigmáticas obras no campo da bioarte, a metáfora dessa condição ganhou expressão nos filmes *Matrix*, 1999; *Matrix reloaded*, 2003; e *Matrix revolutions*, 2003 (The Wachowskis), que teriam acertado no alvo, caso não estivessem ainda disfarçadamente presos a uma visão neocartesiana da cisão entre corpo e mente.

Ao mesmo tempo, do ponto de vista do usuário, a tônica da interatividade das interfaces computacionais estava fazendo emergir novas habilidades cognitivas que reclamavam por ser compreendidas. A partir de uma visão alargada do conceito de leitura, tratei os processos mentais e, ao mesmo tempo, corpóreos, de navegação no universo ciberespacial sob o perfil cognitivo do leitor imersivo (SANTAELLA, 2004a). Para que as características emergentes desse

perfil pudessem ser mais bem delineadas, elas foram inseridas em uma tipologia de leitores, o do livro e o da imagem em movimento a que o leitor imersivo se juntava, somando-se e enriquecendo as habilidades de leitura já existentes.

Poucos anos se passaram, e, em 2007, já estávamos mergulhados nas benesses dos equipamentos móveis, que, com a ascensão do *smartphone*, colocavam o ciberespaço na palma de nossas mãos, inaugurando a nova dinâmica da hipermobilidade. Livres dos fios que nos prendiam a lugares fixos para a navegação nas redes, passamos a transitar, sem tropeços, simultaneamente entre espaços físicos e digitais, dois tipos de mobilidade que se cruzavam de modo cada vez mais imperceptível. Na época, as obras de Z. Bauman ganharam notoriedade por caracterizar muito apropriadamente a pós-modernidade sob o signo do líquido. Pouco antes de Bauman, todavia, um artista imaginativo, Marcos Novak, já havia percebido que o mundo informacional se organizava em arquiteturas líquidas, as “arquiteturas líquidas do ciberespaço”. Foi de ambos, Novak e Bauman, que extraí inspiração para perceber que, no universo digital, novos sistemas de linguagem eram criados, ao mesmo tempo que recriavam as faculdades cognitivas humanas nos modos de orientação inéditos em espaços interconectados de informação: o hipertexto progressivamente convertido em hipermídia (SANTA-ELLA, 2007).

As escaladas da internet e das novas plataformas da *web* não pararam por aí. A instauração da era da mobilidade e a euforia da *web* 2.0, nas borbulhas das redes sociais que prometiam dar voz a todos, tornavam evidente que estávamos vivendo em ecologias informacionais em expansão. A ecologia das mídias era voz corrente justamente quando as redes digitais dissolviam, sem deixar traços, as tradicionais fronteiras entre as mídias, de modo que, daí para a frente, o termo “mídias” só se tornaria cabível para designar as mídias tradicionais, apesar de que elas mesmas passassem a ficar sob o impacto do digital, como é visível na migração do jornal para as redes, no *streaming* competindo com a programação televisiva e nos *podcasts* em competição com o rádio. Em suma, não era mais

possível ignorar que as sociedades e a cultura humana estavam já mergulhadas na conectividade, na mobilidade e na ubiquidade (SANTAELLA, 2010a).

De fato, essa tríade fazia-se presente, incorporada nos movimentos políticos do Brasil-2013; o corpo e a cidade ciborgues convertiam-se em interfaces nos ambientes que postulavam que a internet das coisas iria tornar os objetos sencientes, ou seja, transformados em seres sensíveis interconectados, objetos quase falantes. Nesse contexto, coloquei o foco (SANTAELLA, 2013), mais uma vez, nas transmutações cognitivas do humano, em especial nos novos processos de aprendizagem, notadamente colaborativos, de um leitor ubíquo, com acesso à informação em qualquer lugar e a qualquer tempo. O humano habitando espaços hiperconectados e, conseqüentemente, hiper-híbridos.

Todavia, por volta de 2015, a euforia, que coroou a emergência das redes, começava a trombar com o real. Nesse ano, o *Transmediale*, um dos eventos mais importantes do mundo, realizado todos os anos, antes da pandemia, na *Haus der Kulturen der Welt* (Casa da Cultura do Mundo), lançou premonitoriamente, como tema, *Capture all* (Capture tudo). Detectava-se, então, *avant la lettre*, que vivíamos em uma sociedade regida por algoritmos, que capturam numericamente a totalidade da vida, enquanto contribuímos, mais ou menos conscientemente, para a coleta constante de dados sobre nós. Isso significa que um valor pode ser extraído de tudo; nossa produtividade, medida em todas as áreas da vida. Esse conglomerado informacional dá origem a uma nova definição da relação entre trabalho e lazer, e a uma necessidade intensificada de controle preditivo. O *Transmediale* 2015 buscava desafiar a lógica *capture all* prevalecente na cultura digital, ao indagar sobre estilos de vida alternativos que se posicionam contra o imperativo de extensa coleta de dados no capitalismo digital.

Nessa ambiência, nasceu o livro *Temas e dilemas do pós-digital. A voz da política* (SANTAELLA, 2016a). Era chegada a hora da prestação de contas da cultura digital. Que promessas se perderam feito poeiras de luzes no ar do entardecer? Na voz criativa dos

artistas, essa questão passou a ser chamada de “pós-digital”. Colocar o digital na berlinda e ouvir necessariamente a voz da política tornaram-se questão de ordem. De lá para cá, entramos decididamente no anticlímax das redes sociais. Nelas encontra expressão uma sintomatologia que coloca em relevo o que o ser humano tem de pior, enquanto o que há de melhor se oculta por baixo de uma cacofonia de vozes discordantes em que gritam antagonismos ferozes.

Entretanto no momento presente, o *frisson* das redes apenas nos distrai de questões tecnoculturais, econômicas e políticas que correm por baixo das redes, nas camadas invisíveis dos algoritmos que nos colocam diante do desafio de pensar sobre o invisível. Aquilo que não se vê se converteu na força maior operativa nas sociedades atuais. Este livro, que aqui passo ao leitor, é uma busca modesta de enfrentar o desafio dessa empreitada teórica como guia para nossos modos de agir.

A retrospectiva acima, dos caminhos percorridos, foi necessária para divisar os pontos de relevo na história, tão breve quanto vertiginosa, da tomada das sociedades pelo universo digital. Os capítulos do livro tomarão também rotas retrospectivas, para que possamos chegar ao presente mais bem municiados, de modo a enfrentarmos suas contradições literalmente abissais. Não é por acaso que os últimos capítulos do livro se colocam sob a égide dos *limiares*. Colocar o leitor no fio da navalha do presente, tendo em vista a busca de nergas ou de brechas que nos guiem eticamente para a contribuição que cada um de nós pode dar para tornar mais razoável o mundo em que habitamos; fazer crescer, por mais modestamente que seja, a razão criativa no mundo: as sociedades e a espécie humana estão exigindo isso de nós.

Lucia Santaella
Kassel, julho-2021